

Artífices coleção



# Sílvia Nascimento

MADRUGADA

---

---



**madrugada**



**S.**  
**A.**

**nascimento**

**CAPA DA NOVA EDIÇÃO**

*Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura  
produzidos por estudantes do curso Técnico em  
Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e  
Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Ofícios  
(Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG.*

**CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO**

*Criação de Luiz Curado.*

*Artífices* coleção



# Sílvia Nascimento

MADRUGADA

---

---

ISBN 978-85-67022-54-3

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

N244	Nascimento, Sílvia, 1929-1999. Madrugada / Sílvia Nascimento. - Goiânia: Editora IFG; São Paulo: Editora IFSP, 2021. - (Coleção Artífices).  176 p.  ISBN 978-85-67022-54-3 ISBN (e-book): 978-85-67022-47-5  I. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção.  CDD 869.1
------	---

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza – bibliotecária CRB 1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

[editora@ifg.edu.br](mailto:editora@ifg.edu.br)

Impresso no Brasil

---

---

## SUMÁRIO

HOMENAGEM	11
APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	13
PREFÁCIO	
<b>MADRUGADA</b>	23
DEDICATÓRIA	<b>29</b>
ABSTRAÇÃO	31
ADEUS	33
ALTIVEZ	35
ARREBATAMENTO	37
AURORA	39
A VOLTA	41
BORBOLETA BRANCA	43
CANTIGA	45
CARTA	47
COMPENSAÇÃO	49
CONFIDÊNCIA	51
CONSELHO	53
DESCONSOLO	55
DESCRENÇA	57

DESENCANTO	59
DESPEDIDA	61
DEVANEIOS	63
ENCANTAMENTO	65
ENLEVO	67
ESPERANÇA	69
FELICIDADE	71
FUGA	73
HORA INÚTIL	75
ILUSÃO	77
INCERTEZA	79
INDIFERENÇA	81
INSÔNIA	83
INTROSPECÇÃO	85
ISOLAMENTO	87
LASSIDÃO	89
LAMENTO	91
MADRUGADA	93
MEDITAÇÃO	95
MEDITANDO	97
MINHA FILHA	99
MELANCOLIA	101
NÃO MAIS...	103
NOITE DE LUTO	105
ODE AO PASSADO	107
OLHOS VERDES	109
PRELÚDIO	111
PRANTO INÚTIL	113
PRIMAVERA	115
QUADRAS	117
QUEIXAS	119

RECORDANDO	121
RESSURREIÇÃO	123
REVELAÇÃO	125
ROMANTICISMO	127
RUA VAZIA	129
REVIVESCÊNCIA	131
SE...	133
SEGREDO	135
SEPARAÇÃO	137
SERENATA	139
SOFRENDO E SONHANDO	141
SOLIDÃO	143
SEM TI	145
SONHADOR	147
TRANSFORMAÇÃO	149
TERRA BOA	151
TEUS OLHOS	155
TEU SORRISO	157
TUAS MÃOS	159
UNILATERALIDADE	161
VELHA IGREJA	163
VENTURA ADIADA	165

POSFÁCIO

**A POESIA COMO “O LUSCO-FUSCO DA AURORA  
APÓS A NOITE ESCURA”: APONTAMENTOS**

**SOBRE A POÉTICA DE SÍLVIA NASCIMENTO** 167



*Às minhas filhas  
Denise  
e  
Dalila,  
a certeza de meu  
encantamento.*

*A vós — Deus — que sois o  
Ente infinito e existente por si  
mesmo; a causa necessária e  
fim último de tudo que existe,  
grata vos sou pela  
vida que me destes  
para viver.*



## HOMENAGEM

À turma de normalistandas do ano de 1944,  
minhas colegas e amigas da mocidade que não volta nunca  
mais:

Albertina de Gramont Machado  
Clarize Pinto  
Elza Baiocchi  
Gislaine de Bastos Curado  
Inez Godinho  
Luiza Antonieta Martins Batista  
Lília Paes Leme  
Maria Benedita Sottile  
Maria Felisberta Gonzaga  
Maria das Graças Canedo Guimarães  
Maria de Lourdes Cruvinel  
Maria de Lourdes Martins de Araújo  
Nair Cupertino de Barros Amorim  
Rosa Perdiz de Carvalho  
Sílvia Coutinho  
Sônia Fleury Curado.

## APRESENTAÇÃO:

Clarize Pinto  
(Oradora da turma de normalistas de 1944)



## APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,  
sorvendo os seus poemas, devagar...  
Sondando, desnudando, ao meu olhar,  
a alma que nestas páginas existe...*

A.G. Ramos Jubé, em "Semelhança".

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.”<sup>1</sup> Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

---

1 MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.<sup>2</sup> Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Wagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.<sup>3</sup> Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

---

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada*, *Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.<sup>4</sup>

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o crime de aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.<sup>5</sup> Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua parceria com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de*

4 AIRES, 2010.

5 CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

*pedra*, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícua, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerton Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras

obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livraria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.<sup>6</sup> Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo que representa a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da

---

6 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.<sup>7</sup> O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda do leitor e do estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em

---

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana incorporou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a literatura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores

no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livro de poesia ressaltou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreates na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artesanania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilogravura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a artesanania de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, prefácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

**OLLIVER MARIANO ROSA**

**MARCELA FERREIRA MATOS**

**GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO**

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES



## PREFÁCIO

### MADRUGADA

**D**izia o poeta José Mendonça Teles, “o poema é um sentimento que brota na raiz da emoção. Surge no exato momento em que o poeta, conversando com os deuses, formula seus próprios conceitos existenciais”.

Silvia Lourdes do Nascimento Rodrigues, ou simplesmente Silvia Nascimento, foi membro fundador, em 1969, da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, ocupando a cadeira n. 36, por ser poetisa e musicista. Publicou em jornal, ao lançar seu primeiro livro de poesias, *Madrugada*, em 1968, que, desde seus 14 anos, colecionava em cadernos manuscritos, seus versos com o título *Madrugada* e que, ao reuni-los em livro, conservou o mesmo título, embora tenha acrescentado outros poemas de sua fase de vida mais recente.

Para ela, o título *Madrugada* significava versos surgidos na madrugada de sua vida, na adolescência. Ainda sobre suas palavras na época do lançamento, ela escreveu:

A poesia é sempre arte e esta, onde quer que se encontre, será surpreendida, será sentida e será a fonte de prazer, desde que não se ressinta de valor estético e traga consigo o toque de coisas eternas. Não sei se consegui, em meu primeiro livro, construir algo de

duradouro. Uma coisa, porém, é certa: os versos que confio à benevolência do público não surgiram como um jogo material de palavras, um passatempo simplesmente, mas jorraram do coração, fluíram do mais íntimo de meu ser, mesmo porque estive no amor minha principal fonte de inspiração. Amor não apenas por alguém, mas por tudo que nos cerca e nos envolve. [...] Amor até pelo sofrimento que nos purifica; pela dor que nos espiritualiza.

O livro *Madrugada* de Silvia Nascimento traz em seus versos românticos, apaixonados e melancólicos, um punhado de sonhos, a conformidade sem revolta, esperanças sem rancor, fé no amor como força motivadora, além de muito estudo e luta por uma vida digna. São versos modernos, de rima ou apenas ritmados, com sonoridade, como podemos ver em “Altivez”:

Das mágoas todas profundas,  
De teu desprezo oriundas,  
Suporto, quieta, o revés.  
Prefiro ficar calada  
Do que me ver humilhada,  
arrastando-me a teus pés.  
(NASCIMENTO, 1969, p. 15).

Essas características também são perceptíveis em “Pranto Inútil”:

Gotas de chuva.  
Pranto caído  
Do céu distante

No coração.  
Enquanto a vida  
Passa ligeira,  
Como a passagem  
Da viração,  
Embalam sonhos  
As gotas brancas  
que vão caindo  
No meu telhado  
Sinto-me triste,  
Chorando em vão.  
Enxugo o pranto  
No lenço branco.  
Gotas sonoras  
Da chuva boa.  
Porque torturas  
Minh 'alma, à toa?  
(NASCIMENTO, 1968, p. 93).

A autora, ao encerrar suas palavras sobre seu livro, confessou um receio: “eu me sentiria paga de minhas apreensões em publicar *Madrugada*, se ao menos uma de suas poesias conseguisse sobreviver na estante do tempo e na memória dos homens”.

Além de poetisa, foi funcionária concursada do IBGE, em Goiânia (formou-se aos 18 anos em Ciências Contábeis), onde exerceu o cargo de Contadora até sua aposentadoria. Também concluiu os cursos de Ciências Econômicas e Ciências Jurídicas e Sociais. Foi casada com o advogado, professor e membro da AGL José Lopes Rodrigues, com quem teve duas filhas: Denise e Dalila. Denise se tornou musicista e

professora de Inglês, fundou e dirigiu por muitos anos a escola Pink Blue e, atualmente é proprietária do escritório Lumen de traduções, sendo tradutora juramentada do estado de Goiás. Ela pertence à Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), ocupando a Cadeira 36, que tem como patrona sua mãe. A segunda filha Dalila formou-se em Veterinária, é casada e mãe de um casal de filhos.

Silvia Nascimento dedicou-se também ao estudo musical, retirando do seu violino sons que a todos encantavam, como relata Denise:

ela sempre colocou a música, seu estudo e sua prática, em lugar privilegiado. Participou de orquestras e conjuntos de Câmara na ânsia de preencher estes vastos descampados e a amplitude da vida para conduzir-nos ao êxtase, para levarmos até mundos encantados. Por mais de 50 anos participou incansavelmente da vida Cultural e musical de Goiânia e de Goiás, indo além, até a Bélgica e a Holanda, onde poemas seus, musicados pelo saudoso Maestro Jean François Douliez, ganharam primeiro lugar em competições internacionais. Tocava por prazer o violino em orquestras, Igrejas, corais e teatro.

Quando da fundação da AFLAG, Silvia Nascimento aceitou ser a primeira secretária da entidade. Hoje nomeia a sala da secretaria e sua letra bonita e redonda fascina quando folheamos os livros de Atas, posses e registros daquela época. Seus versos foram escolhidos para compor o Hino da AFLAG, em um concurso realizado pela Academia. Com letra da aflaguiana Silvia Nascimento e música da aflaguiana Maria Lucy Veiga Teixeira, o referido Hino é cantado sempre em reu-

niões festivas da entidade. O ano de 2019 foi escolhido por todas as acadêmicas como o Ano Cultural Silvia Nascimento, uma homenagem póstuma de todas as confeitadeiras pelo muito que fez e o bonito que deixou para a posteridade. Portanto, saudosa confeitadeira Silvia, seu receio de esquecimento é infundado, pois seus versos e seu livro *Madrugada* sobreviveram na estante do tempo; estão sendo lidos e relidos por alunos em escolas, nos jornais e será sempre lembrança viva na AFLAG.

**MARIA ELIZABETH FLEURY TEIXEIRA**

Presidente da AFLAG



## DEDICATÓRIA

Ao Poeta

J. LOPES RODRIGUES:

*“Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches,*

*Et puis voici mon coeur, que ne bat que pour vous.*

*Ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches,*

*Et qu’a vos yeux si beaux l’humble présent soit doux”*

**(Paul VERLAINE)**



---

---

## ABSTRAÇÃO

Tu foste o bem que eu tive  
E que perdi  
Na distância e no tempo,  
Inconsciente!  
Meu pensamento,  
Já cansado  
De prender dentro do vácuo a tua face,  
Deixou de concentrar-se em ti,  
Por tua culpa.  
Não sentiste  
A extensão de meu querer  
E maldigo a encruzilhada decisiva,  
Afastando-te de mim.

Hoje, aceito,  
Sem protesto,  
Outro caminho  
Que promete,  
Na paz que se desprende do silêncio,  
Encurtar a distância insuportável!  
Pelo menos,  
Terei um vislumbre de vida;  
Porei os pés no chão

E marcharei,  
Na firme decisão,  
De não olhar para trás.

E se acontecer  
Que te encontre novamente,  
Receio que,  
De repente,  
Esqueça tudo,  
Para voltar a sofrer...

---

---

## ADEUS

*“oh! l’absence! le moins clément  
de tous les maux! Se consoler  
avec des phrases et des mots”*

**(Paul Verlaine)**

Na página do amor e da doce saudade  
Escreve o derradeiro adeus da despedida,  
A chorar quem se foi, deixando-me esquecida,  
Na triste soledade...

Até parece um sonho esta vida passada...  
Mas seus olhos, depois, nunca mais me fitaram,  
E seus lábios febris também silenciaram:  
Já não me dizem nada!

Foi em vão que lhe quis, num desejo sem fim,  
Pois que agora estou só... vejo tudo deserto,  
Ele fugiu de mim...

Nunca mais para a vida o meu peito se abriu;  
E somente a tristeza é que tenho bem perto,  
Desde que ele partiu.



---

---

## **ALTIVEZ**

Das mágoas todas profundas,  
De teu desprezo oriundas,  
Suporto, quieta, o revés.  
Prefiro ficar calada  
Do que me ver humilhada,  
Arrastando-me a teus pés.



---

---

## ARREBATAMENTO

Eu amo tua voz!  
E quero ouvi-la sempre, embalando meus dias  
Na rede azul do amor, das louras fantasias,  
Que tecemos a sós.

É tão encantador  
Ouvir rendas de sons, urdidadas com magia  
Por teus lábios febris, em doce melodia,  
Quando falas de amor!

Eu amo teu olhar!  
Quero-o sempre a sorrir, embalando meus sonhos,  
Colorindo o palor destes dias tristonhos,  
Em que passo a cismar.

São reflexos divinos  
De tua alma enlevada em sublime emoção;  
Bem mais que tua voz, falam-me ao coração  
Teus olhos cristalinos.

Teu olhar pousa aqui,  
Ergue a voz bem de leve e repete baixinho  
Estes versos de amor, de ternura e carinho  
Que só falam de ti.



---

---

## AURORA

Oh! manhãs de primavera!  
Manhãs belas! manhãs claras!  
Manhãs serenas e puras,  
Onde existem alegrias!  
O meu coração quisera  
Cantar-te as belezas raras,  
Cantar-te as belezas puras,  
Em sonoras melodias!



---

---

## A VOLTA

Atravessei o teu itinerário  
De cigano, sem rumo, sem destino!  
Palmilhei o teu mundo imaginário,  
Colecionei sentimento  
e desatino.

Perdi meus dias,  
E o voluntário prazer  
De devassar outros caminhos!  
Regressa, agora, um vulto solitário  
Pisando em urzes, encontrando espinhos.  
O mundo,  
De promessa idealizado,  
Perdeu-se em sombra...  
E as nuvens do passado  
Assistiram à origem de teu canto!  
Mas, o frio das palavras,  
Nas distâncias,  
Faz-me querer ainda,  
Em loucas ânsias,  
Esse raio de sol que tarda tanto!



---

---

## BORBOLETA BRANCA

Quero falar de ti,  
Borboleta inconstante  
Que preludia sobre os flamboyants das ruas  
A ária primaveril,  
Com as tênues asas tuas  
Farandolando no ar,  
Roçando as verdes franças.  
Quero falar de ti,  
Quando ansiosa te lanças  
No ar; quando, por sobre pétalas flutuas  
Sobre esse rubro mar de flores que há nas ruas,  
Para o néctar sugar;  
Quando instantes descansas,  
Ao sol da manhã,  
Numa alfombra de cores.  
Tuas asas, então,  
Parecem outras flores  
Que se elevam do chão,  
Que, pairando no espaço,  
Levadas pelo vento,  
Brincassem sob o azul do claro firmamento.



---

---

## CANTIGA

I

Bem no fundo de teus olhos,  
Há tua alma refletida.  
Penetrando-lhe os refolhos,  
Eu vejo as flores fanadas  
De vidas por ti passadas,  
E não vejo a minha vida.

II

Bem do fundo de teu peito,  
Que se me mostra ruim,  
Vejo meu sonho desfeito,  
Pois, onde quisera ter  
Um lugar para viver,  
Não há lugar para mim.



---

---

## CARTA

(Para Elite Xavier de Abreu)

Meu querido, meu amor,  
Tudo aqui sem novidade.  
Só não vai lá muito bem  
O ritmo desta saudade  
Que aumenta a cada minuto  
Em que passo sem você.  
Os dias são sempre iguais,  
As noites sempre bem frias,  
E a vida vai se arrastando  
Ao sabor das ironias.  
As paredes do meu quarto,  
Como muralhas de gelo,  
Apertam-me o coração  
Sob a pesada emoção  
De permanente lembrança.  
O relógio, sempre lento,  
Tiquetaqueia constante,  
Registrando, a cada instante,  
As horas de solidão.  
Apesar disso, vou indo...  
Tenho passado até bem.

---

Sempre a rotineira crença  
De que, sozinho, em segredo,  
Se lembra de mim também.  
Escreverei outro dia...  
Escreverei sempre, sempre;  
Saberei amenizar  
A minha melancolia.  
E, quando voltar, verá  
Que esta carta que lhe escrevo  
Não é toda a confissão  
Que guardo no coração;  
Pois, *tudo* escrever não devo.  
Pensando em você, a hora,  
Parece, passou ligeira,  
E a vida ficou mais leve.  
Sem mais por agora, envio,  
Neste dia, lento e frio,  
O meu sentido “até breve”.

---

---

## COMPENSAÇÃO

Quantas vezes a tristeza  
Conservou minh'alma presa  
E algemado o coração;  
Com teu amor, a alegria  
Desfaz a melancolia,  
Põe vida na solidão.



---

---

## CONFIDÊNCIA

Enquanto tu me falas de outro amor,  
De realizáveis sonhos de ventura,  
Não imaginas a cruel tortura  
Que me alanceia o peito sofredor.

Desfiando rosários de ternura  
A quem zomba do vate sonhador,  
Tu nem percebes minha imensa dor,  
Cativo de vazia formosura.

E nem deves de leve suspeitar  
Da enorme sensação de desencanto  
Que sinto, quando de outra vens falar,

Porque, se é proibido o nosso amor,  
Que chore eu — sozinha — o amargo pranto,  
Carpindo, inutilmente, minha dor.



---

---

## CONSELHO

Não chores mais, coração!  
Vive alegre, sem pensar;  
Ainda existe a ilusão,  
Ainda podes sonhar.

Foge a qualquer desatino,  
Não te vás desesperar,  
Pois vejo que teu destino  
É amar, sofrer e calar.



---

---

## DESCONSOLO

Ó tu, coração cansado,  
Que vives desconsolado  
Sentindo a descrença em tudo,  
A vida feriu-te fundo,  
Enganou-te sempre o mundo,  
E te conservaste mudo.

Hoje, descrente, sozinho,  
Sem a ternura de um ninho,  
Sentes da vida o cansaço.  
As esperanças fugiram,  
Os teus castelos ruíram,  
E calas o teu fracasso.

Esta vida mentirosa  
Não é sempre cor-de-rosa,  
A ventura é transitória.  
Imersos na solidão,  
Outros verás, coração,  
Retratando a mesma história.



---

---

## DESCRENÇA

Ó descrença, tu persistes  
Em tornar-me os dias tristes,  
Cheios de mágoa e de tédio,  
Enquanto, ao passar dos anos,  
Vou somando os desenganos,  
Carpindo um mal sem remédio.



---

---

## DESENCANTO

Reclino-me sobre o mural de meu silêncio,  
Na melancólica mudez de meus pesares  
E sonho contigo,  
Vulto amigo!  
Ouço a voz da incerteza  
Que baila sobre os teus temores;  
E anseio por teus olhos,  
Quando trazes nas pupilas  
A pureza dos anjos;  
E anseio por teus lábios,  
Quando pronuncias palavras mansas,  
Quando pareces não ouvir a voz do fauno  
Que existe em ti,  
Ou quando sublimizas as desventuras  
Com um sorriso triste  
De quem não quer meus lamentos ouvir.  
Porém, se assim eu não te vejo,  
Tal como o meu sonho te guardou,  
Volto cansada da jornada  
Em busca do ideal;  
E procuro esquecer-me  
No infinito das horas;  
E tento suavizar o infinito desgosto,  
Lavando do mural de meu silêncio  
Mais uma imagem de novo desencanto!



---

---

## DESPEDIDA

Há tristeza demais no fim de nossa história!  
Uma história bonita e tão cedo esquecida...  
Eu transformo este pranto inconformado em risos.  
E, sorrindo, atravesso outra estrada na vida  
Ah! foi tudo tão bom, tão bonito, tão puro;  
Houve flores, jardins, perfumes, fantasias,  
Versos, cartas de amor, de juras não cumpridas.  
E um beijo que fulgiu num minuto distante...  
Não faz mal!! hoje resta o adeus silencioso!  
Um final sem rancor e sem culpa e sem dor!  
Um desfecho discreto, engasgado, sem voz  
Há um Deus que decide o destino da gente;  
E eu creio nesse Deus que decidiu por nós...



---

---

## DEVANEIOS

Os acordes sutis de uma velha canção,  
Como um sonho de amor, vibram n'alma da gente,  
Despertando emoções e saudade a quem sente

Vazio o coração!

Ouvindo, embevecida, esse canto dolente,  
De repente me assalta a divina visão  
Que me deixa a sofrer, na triste solidão,

Silenciosamente!

Enquanto, assim, cantando... uma figura esguia  
Se põe a dedilhar, nas cordas de minh'alma,

Estranha melodia.

E é por isso que eu canto... O amor não feneceu...  
E que importa, afinal, se já não tenho calma,

Se quem sofre sou eu?!



---

---

## ENCANTAMENTO

Escuta, meu querido! É minh'alma que exala,  
Em versos revelando os sentimentos meus,  
A balada de amor que dos lábios resvala  
E que eu mesma compus para os ouvidos teus:

— É tão grande este amor, tão imenso e profundo  
Que o não pode conter do meu peito a prisão.  
Vai além desta terra... abandona este mundo  
E procura no espaço alcançar tua mão.

Num mundo diferente, o meu olhar vislumbra,  
Na semiescuridão, numa doce penumbra,  
Os olhos onde vi uma luz que arreбата.

E que olhos divinais! duas asas morenas  
Cintilando tal qual as estrelas serenas  
Espalhadas no céu, em chuva de prata.



---

---

## ENLEVO

Se passas indiferente,  
Meu peito amarga, descrente,  
    Um acerbo padecer.  
Em teu alegre sorriso  
É que encontro o paraíso,  
A alegria de viver.



---

---

## ESPERANÇA

Em meu peito há um recanto impregnado de queixas  
Transmitindo distante o meu triste lamento,  
E, então, hás de escutar as estranhas endechas  
Inspiradas na dor do meu isolamento.

A rua está deserta... e sei que tu virás...  
Ouvindo o coração, sozinho, palpitando,  
Vazio hás de senti-lo e logo voltarás  
Muito terno ao amor, meu amor suplicando.

Em meio à noite escura e sem rastros de estrelas,  
Saberei divisar de tua alma o clarão  
E aflições, afinal, hei de pronto esquecer-las,  
Ante o mago esplendor da sonhada visão.

E, do inverno ao verão, da Nova ao Plenilúnio,  
A crença em teu regresso arrastará meus dias,  
Enquanto, solitária, eu choro esse infortúnio,  
Na eterna lentidão dessas horas vazias.



---

---

## FELICIDADE

Felicidade, senhor,  
É acreditar num amor  
Ainda não revelado.  
Assim, calada, sonhando,  
Sou feliz acreditando  
Que também me tens amado.



---

---

## FUGA

Por que negar  
Tudo que almejo:  
Um doce beijo,  
Se o pode dar?!

A vida é breve,  
Dura um momento;  
Passa de leve  
Qual folha ao vento.

Com a mocidade  
Que pouco alcança,  
Vai-se a esperança,  
Fica a saudade.

E o tempo passa...  
No coração,  
Resta a fumaça  
De uma ilusão.



---

---

## HORA INÚTIL

(Da Antologia —  
*Poesia em Goiás*)

Foi longa a espera.  
Desilusões passaram-se  
Diante de meus olhos abertos  
E voei nas asas da desolação.  
A hora foi estranha e inútil.  
A avalanche do tempo,  
Que não respeitou as idades,  
Levou de roldão os mais ternos pensamentos,  
E fez rolar, na ribanceira  
Das incertezas molhadas de pranto,  
Os melhores momentos  
Que poderiam ter existido.  
Curvei-me, extática,  
Ante a fantasia dos anos!  
Recolhi-me na concentração pueril  
De pensamentos mortos:  
— Poderia ter sido vivida aquela hora  
Que se escorregou em um dia de sol,  
Rolando na ribanceira  
Das incertezas molhadas de pranto!  
Mas a avalanche do tempo não respeitou as idades  
E arrebatou os melhores momentos  
Que poderiam ter existido.



---

---

## ILUSÃO

Escuto-te os passos lentos  
E vivo breves momentos,  
A esperar-te emocionada.  
Me segues indiferente,  
E vou chorar novamente  
A esperança malograda.



---

---

## INCERTEZA

*(Inspirada no romance de Fannie Hurst,  
"Corações Humanos")*

Em vão tento esquecer teu amor que se esfuma,  
Dia a dia, hora a hora; e meu peito surpreso  
Já presente chegar o completo desprezo  
Sem que possa, afinal, reclamar coisa alguma.

E, nas horas de amor, minha dor se avoluma,  
Recalcando o desejo insatisfeito e aceso,  
Em noites hibernais, friorentas, de bruma,  
Quando vibra, estremece o meu corpo indefeso.

E, sem forças, me entrego à luta indefinida  
E te beijo e te abraço e te carinho e afago,  
Na luta pelo amor que não quero perdida.

E a certeza infeliz de que te vou perder  
Apossa-se de mim como um sonho pressago  
Que me rouba ao presente as horas de prazer.



---

---

## INDIFERENÇA

Na estrada do presente,  
Entre mil pegadas, descobri  
O trilho que deixaste  
E o acompanhei em vão.  
Acordaste do sono do passado  
E passaste por mim;  
Mas, não me viste  
E ainda lançaste sobre minha esperança  
O teu silêncio importuno.



---

---

## INSÔNIA

Sono! dormir quem me dera,  
Mas tu me deixas à espera  
          E me negas teu conforto.  
Eu preciso adormecer...  
Vem com teu beijo aquecer  
          Este corpo semimorto.



---

---

## INTROSPECÇÃO

Meu sonho interior!  
Minha pobre alma,  
Escondida do sol,  
Pálida, fria, triste, amargurada,  
Retransida de dor,  
Sem sossego, sem calma,  
Sem calor!  
Minha pobre alma,  
Sem calma,  
Não consegue libertar-se  
Do cárcere sombrio  
Onde vai definhando  
Um coração doentio.  
Minha pobre alma  
Não conhece a grandeza  
De luminoso amanhecer...  
Miserável escrava da tristeza,  
Só conhece a hipocôndrica beleza  
De meu sonho interior!



---

---

## ISOLAMENTO

À hora em que, de manso, a noite vai caindo,  
Há no ar vibrações dolentes e saudosas  
De amor que já viveu, de sombras vaporosas,  
De esperanças em flor, que d'alma vão fugindo.  
Voam soltas no além as frases sonoras  
Que vive o coração, inútil, repetindo.  
Há visões do passado em formas misteriosas  
Refletidas no céu, quando a luz vai fugindo.  
Amo as tardes sem sol, de cor indescritível,  
Em que me sinto só, tanto quanto possível  
Concentrada em mim mesma, estudando minh'alma.  
As lembranças cruéis de antigo sofrimento  
Vão morrendo com a tarde; e o coração se acalma  
Bendizendo, feliz, o doce isolamento.



---

---

## LASSIDÃO

Velho amor de tantos anos,  
Amor que só desenganos  
Trouxe à minh'alma — hás de ver  
Que meu coração cansado,  
Desiludido, magoado,  
Está farto de sofrer!



---

---

## L A M E N T O

Uma grande tela escura  
Estendeu-se sobre a terra;  
E o horário, no infinito,  
Deixou de fazer sentido.  
As horas, bolhas fugaces,  
Fugiram de meu alcance.  
Quis senti-las e vivê-las,  
Quis vivê-las para crê-las;  
Na indecisão demorei-me,  
E o instante precipitado  
Inexorável esgotou-se;  
A vida ainda é vivida,  
Porém o tempo acabou-se.



---

---

## MADRUGADA

*(Para a pintora e escultora  
Maria Guilhermina)*

Os traços dúbios que no horizonte se delineiam  
Esperam que claros raios do sol os incendeiem  
E lhes emprestem cor e luz  
O quadro, então, se modifica, trabalhado  
Sem paleta ou pincel. E a madrugada  
Vai-se tornando em dia, num desvão do tempo.  
A forma plasmada em matéria indefinida,  
No preto-e-branco da noite, se despede,  
E se insinua um dia a mais, igual a tantos!  
Fechados ainda, os olhos adivinham  
Que as coisas se sucedem e se alinham  
Como a manhã, a tarde, a noite e a madrugada!  
É uma certeza, sem molde e sem tinta,  
O lusco-fusco da aurora após a noite escura,  
Na sequência dos dias sempre iguais.  
Sem saltos, distorções, a vida se encarrega  
De levar para a frente o barco que navega,  
Seja calmo ou batido pelos vendavais.



---

---

## MEDITAÇÃO

Somos dois, eu e tu, cada um no seu rumo,  
Calados palmilhando os caminhos vazios!  
E nossa solidão povoada de imagens  
Tem a paz tumular de coisas muito tristes.  
Eu e tu somos dois, vencendo a noite fria.  
Tu sabendo que existo, eu sabendo que existes.  
Um vago olhar distante e o deserto no peito,  
E uma sombra a cair no meu destino incerto.  
Só a tua presença, em mágica surdina,  
Põe rastilhos de luz nesta incerteza mansa.  
Sem um gesto sequer traindo o sentimento,  
Descuidosa, alheada, a minh'alma descansa.  
Somos dois, eu e tu, destinos desiguais;  
Só nos une este amor; só o amor, nada mais!



---

---

## MEDITANDO

Vida à toa, fado triste  
De quem nem sabe se existe  
Ou nem sabe por que vive.  
Esta tarde que se finda  
Faz-me, então, sofrer ainda  
Pelos sonhos que já tive.

Cismas tontas, fatigadas,  
Relembra flores fanadas,  
Palavras que ao vento foram.  
O incerto passar dos anos  
Petrifica os desenganos  
Que no coração demoram

Olhos cansados, com sono,  
Sentem todo o abandono  
De uma vida sem razão.  
E meu peito não descansa...  
Vai findando a tarde mansa,  
Como finda uma ilusão.

Do céu cinza descem vozes  
Que vêm, em vagas velozes,

As dores multiplicar  
Da vida que não me larga,  
Enquanto a saudade amarga  
Põe brumas no meu olhar.

---

---

## MINHA FILHA

(1952)

Oh! doce alma infantil, sempre feita de riso,  
De encanto, sedução, meiguice, formosura!  
Floresce no seu seio o eterno paraíso  
Onde a vida se mostra etereamente pura!

Mesmo quando ela chora, a pequena criatura,  
Há muito de gracioso e de encanto impreciso  
Na lágrima fugaz que nubla de amargura  
O sereno dulçor da boquinha em sorriso.

No mundo da criança eu me vejo menina,  
Descuidosa e feliz, sem ódio, sem maldade,  
Com a perfeita ilusão de ainda ser pequenina.

Junto à filha no berço, embalando esperanças,  
É como se eu também tivesse a mesma idade  
E me tornasse irmã de todas as crianças.



---

---

## MELANCOLIA

Fiquei sozinha.  
O carinho me acenou de longe  
Com um aceno de inutilidade.  
Meu olhar teimou em perder-se na distância,  
Em busca do horizonte cobiçado.  
E teu perfil revi, ampliado,  
Na silhueta inatingida da montanha.  
A irrealidade me acolheu nas asas frias;  
Senti soluços afogar-me o seio.  
Lembranças imprecisas  
De horas já desfeitas  
Brincaram no meu pensamento,  
E zombaram, cruéis,  
De um sofrimento imerecido  
Isolei-me em abismais melancolias,  
Aí encontrei sempre a tristeza irreduzível  
E a saudade arrependida de momentos  
Não fruídos.  
Foi pouco o que pedi à vida  
E que me foi negado;  
E a vida continua usurária  
Com os sonhos todos  
Que eu bem quis se realizassem.

Agora, o silêncio e a solidão  
Arrancam lágrimas,  
Em crepúsculos que se prolongam,  
Indefinidamente,  
Dentro do meu desejo.

---

---

## NÃO MAIS...

*(Para a declamadora  
América Félix de Souza)*

Não mais agora passarás por mim  
Deixando rastros no meu sentimento!  
Nem verei tua imagem como sombra  
A perturbar meu sono!  
Nunca mais essa angústia,  
Essa luta interior,  
Essa tristeza inquietante,  
Esse delírio,  
Esse amor!

Contemplando o céu cheio de luzes,  
Não verei tua imagem refletida no além!  
Nem pensarei que são teus olhos claros  
Os pontinhos de luz que estão no céu também.

E, no próximo luar,  
Já não terei vontade de cantar!  
Nas madrugadas... insone... transbordante de tédio,  
Não mais sentirei a solidão sem remédio;  
Não mais esperarei essa réstea de sol  
Que me encontrava desperta

---

Para enviar-te um BOM DIA  
Através do silêncio  
Que ainda havia  
Na manhã deserta!

E o langor que eu sentia  
Durante todo o dia...  
E a eterna espera,  
Nas tardes azuis em plena primavera...

Tudo, enfim, acabou!  
E, de olhos enxutos,  
Já não buscarei em todos os vultos  
A tua semelhança.

Hoje, que és meu passado  
E estou, finalmente, certa  
De que já não penso em ti,  
Eu me sinto liberta  
E sou feliz,  
Porque já te esqueci.

---

---

## NOITE DE LUTO

Já vem tão perto a madrugada,  
E a brisa da manhã não tarda; entanto,  
Ainda não dormi.

E velam macerados os meus olhos  
Como dois círios sem brilho  
Entre outros círios tristemente acesos  
De um velório soturno.

No espelho, refletida, eu vejo a face  
Sentidamente pálida; e as olheiras  
São flores violáceas  
Moldurando-me as órbitas cansadas.

E sinto na esclerótica um abismo  
De pranto a desabar...

Nem um sonho a amenizar este tormento  
Que outro dia, ao nascer, vai encontrar,  
Envolvendo-me o seio.

Só meu pai dorme tranquilo  
Um sono sem pesadelos.

Na terra ingrata fiquei  
Sem meu velho companheiro.

Já vem tão perto a madrugada, a brisa  
Da manhã não tarda; entanto,  
Ainda não dormi.

Mas as horas passaram,  
Meu papai não acordou  
E, muito cedo, o levaram...

---

---

## ODE AO PASSADO

Soluços no peito frio,  
Descrença na vida breve:  
É a saudade que de leve  
Visita a alma enganada.  
Horas vão e nunca voltam;  
Outras vêm, mas já não ouço  
A doce canção primeira,  
Cadenciada e feliz,  
De uma ilusão passageira.  
Tudo ouvi, embevecida,  
Enquanto, cheia de enganos,  
Eu fui notando que a vida  
Ia escrevendo mentiras  
Na história fugaz dos anos.



---

---

## OLHOS VERDES

*(Para Betina Maria Ritter)*

Quantas vezes, nesta vida,  
De tormentas e de escolhos,  
Senti um mar de bonança  
Brotar de teus verdes olhos;  
E uma sensação querida  
De estar afastando abrolhos  
Vem-me da verde esperança  
Que existe em teus verdes olhos



---

---

## PRELÚDIO

*(Para a sensibilidade artística de  
Belkiss Spencière Carneiro de Mendonça)*

Ouço os sons da música de Chopin  
Bailando e se perdendo no horizonte.  
Na tarde calma que desceu de leve,  
A melodia traduziu mensagens ternas  
Aos meus sentidos extasiados...  
As notas cresceram... e os acordes,  
Em borbotões de luz imponderável,  
Vibraram e se elevaram,  
Na nudez de meus tristes pensamentos.  
Da brancura mesclada dos teclados,  
Como a beleza corporificada,  
Sons etéreos se desprenderam  
E se transformaram  
Na sombra indefinida do meu ser.  
E outra melodia de um instante longínquo  
Rondou a sugestão desentoadada  
Das teclas encardidas de meu silêncio.  
O prelúdio soou nota por nota,  
Acordando emoções da há muito adormecidas  
Dentro do fantasma emocional que existe em mim.  
Revivi, com estes sons, todo o brilho das estrelas

Refletido em mil flores amarelas,  
Sob o painel de um céu sem nuvens;  
E do mais escondido da lembrança  
Outra música ressurgue,  
Sem tempo e sem compasso.

---

---

## PRANTO INÚTIL

Gotas de chuva,  
Pranto caído  
Do céu distante  
No coração.

Enquanto a vida  
Passa ligeira,  
Como a passagem  
Da viração,

Embalam sonhos  
As gotas brancas  
Que vão caindo  
No meu telhado.

Sinto-me triste,  
Chorando em vão.  
Enxugo o pranto  
No lenço branco.

Gotas sonoras  
Da chuva boa,  
Por que torturas  
Minh'alma, à toa?



---

---

## PRIMAVERA

Sonhos... sonhos cor-de-rosa!...  
Sois primavera radiosa  
Que me embala o coração!  
Enquanto vivo sonhando,  
A vida me vai levando,  
Na barquinha da ilusão...



---

---

## QUADRAS

Se tu me chamas “querida”,  
Se te amo e sou amada,  
Que pretendo mais da vida,  
Se o resto não vale nada?

\* \* \*

Fingiste, naquele dia,  
De teu amor a certeza.  
Por tão fugace alegria,  
Quantos anos de tristeza!...

Eu sofri tanta amargura  
E tanta desilusão,  
Que nem sei se ainda perdura  
Em meu peito um coração.

\* \* \*

Meu amor, em teu sorriso  
Vejo um mundo de ventura  
Que apaga dentro de mim  
Toda sombra de amargura.



---

---

## QUEIXAS

*(Para Magnólia Soares)*

Do futuro entreabro a porta escura,  
E é áspera, exaustiva e tumultuária  
A estrada em que procuro uma ventura,  
Doce ilusão ignota, imaginária.

Em largo canto, apaixonadamente,  
Entoarei um cântico de dor,  
Ao meu amor irrefletido amor!  
Por quem tanto chorei, inutilmente.

Sombras que sofrem de ânsias amorosas,  
Passai por mim, olhai o meu tугúrio,  
Juntai as vossas queixas vãs, chorosas,  
Ao meu choroso e triste e vão murmúrio.

Sufocadas em nosso desencanto,  
Vagaremos nas noites espectrais,  
Até que as tênues luzes matinais  
Lancem silêncio sobre nosso pranto.



---

---

## RECORDANDO

*(Para Ilza Ribeiro Nobre)*

Se o amor, como um sonho, um presente de fada,  
Nos envolve e nos prende ao destino de alguém,  
Encontramos, então, a ventura almejada  
E com ela o prazer que da vida nos vem.

Mas, quando não se pode amar e ser amada,  
E só fruir do amor de quem queremos bem,  
Há de ser bem melhor buscar a morte, o nada,  
Que a alegria da vida é do amor que provém.

Bem que eu quero esquecer o passado tão louco  
E a saudade cruel que me traz, pouco a pouco,  
Uns ressaibos de dor e de estranha emoção;

Mas, sofrendo, ainda eu amo este amor que eu amei,  
Este amor a quem cedo, insensata, ofertei  
Toda a vida que havia no meu coração.



---

---

## RESSURREIÇÃO

*(Para Maria Ivanildes Carneiro)*

Da descrença ou da tristeza  
Se a vida a tem feito presa,  
Não preste muito sentido;  
A sorte pode mudar  
E, então, poderá notar  
Que nem tudo está perdido.



---

---

## REVELAÇÃO

Cala-te, não digas nada!  
A minh'alma amargurada  
Já pressentiu este fim,  
Não alimenta ilusão.  
A fuga de teu olhar  
Me vem, cruel, revelar  
Que já te afastas de mim,  
Que já não tens coração.



---

---

## ROMANTICISMO

Colherei, nesta noite, uns restos de luar  
E inundarei de luz minh'alma penumbrosa  
(A luz que vem do céu,  
Que tanto me fascina,  
Parece teu olhar  
Que de amor me ilumina).  
E, assim, à noite inteira,  
A lua companheira  
Ouvirá, lá do além,  
Lá da amplidão tranquila,  
Minha voz e também  
A confissão sonora  
De tudo o que te disse  
E que repito agora.

Mas, quando a deusa branca, peregrina,  
Deixar o espaço, na manhã divina,  
E o rocio da fria madrugada  
Encontrar-me, ao relento, abandonada,  
Bem no fundo do peito outra saudade  
Há de fazer calar, na imensidade,  
Essas horas de amor que não vivi.

Meus olhos fecharei,  
Ó meu sereno amigo...  
Irei, então, sonhar,  
Irei sonhar contigo.  
E, em pensamento, eu te terei ainda  
E ouvirei tua voz harmoniosa e linda.  
Mais langorosa e triste,  
Em aflitos cismares,  
Passarei minha vida  
Evocando os luares.

---

---

## RUA VAZIA

Estala-me no peito uma incerteza fria  
De não vir a encontrar-te ainda neste dia;  
E, então, passar, assim, outras horas sozinha,  
Como tantas passei na triste vida minha.  
Que lembranças de amor...  
De amor que não me deste;  
Que saudades cruéis  
Do que não possuí.  
Vou seguindo, sem rumo, esta rua vazia...  
Devagar vai caindo uma tarde sombria.  
Finalmente diviso o teu perfil querido,  
Virando a esquina, além, contemplativo, absorto,  
Trazendo uma esperança ao meu peito já morto.  
Tu me vês, eu te vejo, e, sem deter o olhar,  
Seguimos cada qual um rumo, sem parar.  
Não serei nunca mais o vulto solitário,  
Procurando cruzar o teu itinerário,  
Pois, da esquina falaz de minha fantasia,  
Eu te verei passar, qual sombra fugidia,  
Pela rua deserta, a povoar de ilusão  
Os dias sempre iguais de minha solidão.



---

---

## REVIVESCÊNCIA

Quando me fitas, suponho  
Ter realizado o meu sonho  
De renovar a ilusão...  
No teu olhar adivinho  
As reservas de carinho  
Que guardas no coração.



---

---

## SE ...

*(Para Selma Maria Coelho Lemos)*

Ah! se eu pudesse esquecer meu amor  
E cair noutros braços  
Que me querem e me esperam, apaixonadamente,  
Outro encanto fruir, outro engano embalar,  
Enquanto a vida passa...  
Ah! se eu pudesse ter um amor de verdade,  
Um amor que me quisesse,  
Como aquele que me prometem dois olhos cinzentos!  
Fazer de meus dias firmamentos sem nuvens,  
Enfeitar com rosas rubras meu coração tão frio!  
Mas, há um mundo de dor em cada passo incerto;  
As pedras do caminho fazem calos nos pés,  
As urzes das veredas renascem em cada rastro.  
Ser amada deve ser bem melhor que amar tanto;  
O destino é imutável e de há muito foi lançado...  
O meu peito iludido está muito cansado...  
Pensar em outro amor é muito tarde agora.



---

---

## SEGREDO

*(Neste diálogo mudo  
Teus olhos me dizem tudo  
E os lábios podem mentir.*

J. Lopes Rodrigues)

Volve-me me sempre o olhar,  
Mas nada deves falar  
Deste amor que é proibido.  
Se tremeres tua voz,  
Todos vão saber que nós  
Nos amamos escondido.



---

---

## SEPARAÇÃO

Para mim, que te amo tanto, devias vir  
Sozinho, sem lembrança, sem passado!  
– Por que vieste, então, se um dia hás de partir  
Para o teu mundo oculto, indesvendado?  
Fantasista que sou, mulher sentimental,  
Eu sinto em cada adeus que tu me dizes  
Um gosto amargo dos dias infelizes  
Que, triste, hei de passar.  
Na expressão dolorosa que se esconde  
Atrás deste sorriso miserável,  
Não adivinhas minha dor imensa.  
Nas sombras de cruéis delírios meus,  
Eu penso em meu desgosto, em meus cismares,  
No dia em que te fores, sem adeus,  
E nunca mais voltares.



---

---

## SERENATA

*(À alma nobre da escritora  
Eurídice Natal e Silva)*

Violão triste e calado  
Junto a um poste iluminado,  
Sob a janela fechada  
De uma casa abandonada,  
Sugeriu este meu canto  
Sem dor, sem pena, sem pranto!  
É serenata frustrada,  
Sem som, sem tom, sem amada!  
Silêncio no ar, apagando  
As sombras que vão passando.  
É sugestão de acalento  
No leve soprar do vento.  
Repouso doce e profundo  
Da dor de amor deste mundo.  
É voz que não se levanta  
Encravada na garganta.  
Um nada que em vão se sente  
Ficando n'alma da gente.  
Violão abandonado  
É meu coração fechado.  
Paixão discreta, perdida,  
Sem ressonância na vida.



---

---

## SOFRENDO E SONHANDO

Guardaremos, meu anjo, ao menos a saudade  
De uma quadra feliz que tão cedo passou...  
Neste estranho sofrer, nesta grande ansiedade,  
Tu vives desse amor que foi felicidade,  
Eu vivo da paixão que nunca se acabou.

É muito suportar um sofrimento assim.  
A turba, indiferente ao que sofro e sofri,  
Há de ver-me chorar e há de sorrir de mim,  
E, ante a pena cruel que tu julgas sem fim,  
Há de ver-te chorar, há de sorrir de ti.

Entretanto, eu espero... O porvir desejado  
Há de, então, decidir; resolver o que for;  
Até lá viverei na incerteza do fado,  
Preferindo que volte esse amor do passado  
A viver de lembrar um passado de amor.



---

---

## SOLIDÃO

*(Où sont allée les jours limpides  
et joyeux,  
Les jours où je voyais votre âme  
dans vos yeux?)*

**Beatrix Reynal**

Noite de estio!  
Eu sinto frio.  
Neste abandono  
Falta-me o sono.  
Vem a meus braços,  
Meu bem-querer.  
Sem teus abraços,  
Antes morrer.



---

---

## SEM TI

Da noite no frio manto,  
A chuva parece pranto  
Que desce triste do céu.  
A chuva e esta soledade  
Dão-me prantos de saudade  
Por alguém que me esqueceu.



---

---

## SONHADOR

Sofredor, que sofres tanto,  
Que sonhas sonho impossível,  
Tua estrela está tão alta  
E, talvez, inacessível.

Não queiras as cinzas frias  
De paixões que incandesceram  
Revolver com teu lamento  
Que os outros não entenderam.

Não te prendas à ilusão  
Deste amor que não é teu.  
Não possuo coração,  
Meu sentimento morreu.

Só uma vez na vida breve  
Eu sonhei igual a ti,  
Mas meu sonho foi tão leve  
Que bem depressa o esqueci.

E, por isso, já não sofro  
E não quero mais sofrer.  
A vida, de amor sofrendo,  
Não é viver - é morrer!

De amor que não mais existe  
Não vou sangrar a ferida,  
Pois quero, livre de angústias,  
De novo viver a vida!

---

---

## TRANSFORMAÇÃO

O meu amor infinito  
Faz-te sempre mais bonito,  
De meus olhos e quebranto;  
Vendo-te, assim, toda hora,  
Meu amor se revigora,  
E exalta mais teu encanto.



---

---

## TERRA BOA

*(Para Wanda M. do Nascimento Magalhães  
e Gilda do Nascimento Silva,  
minhas irmãs)*

Meu Bacalhau da Barreira  
Tão mudado... tão deserto...  
Longe de mim, na distância;  
No pensamento, tão perto.  
Tu me trazes à lembrança  
Minha vida de criança,  
O passado sossegado,  
Minha fé, minha ilusão.  
Embalaste, antigamente,  
As minhas horas felizes,  
O meu viver inocente.  
Não havia, nessa idade,  
Quando tudo é claridade,  
Incertezas, desenganos...  
Tudo simples, tudo fácil...  
No doce passar dos anos.  
Uma vida sem receios,  
Naqueles dias tão cheios  
Da alegria de meus manos,  
Do sorriso de meus pais.

Hoje, a casa está caída;  
É tapera abandonada...  
Daquela passada vida  
Já não existe mais nada.  
Acende em mim a saudade.  
Infância que não durou...  
Mocidade que passou...  
Do lugar onde nasci  
Nem uma viga restou.  
Bacalhau sozinho e triste!  
Não há peito que resiste  
Ver a tua solidão,  
Nesta noite de luar,  
Quando sons venho arrancar  
Das cordas de meu violino,  
Para, em dorida canção,  
O teu sono acalantar.  
E escuto o toque do sino  
Da igreja branca e pequena  
Chamando para a novena  
Da Virgem Nossa Senhora,  
Nossa Senhora da Guia,  
Sorrindo com alegria,  
Por entre as luzes do altar.  
Parece-me ouvir agora,  
Enquanto vou recordando,  
A voz bonita, cantando,  
De minha mãe a rezar.  
Ah! se eu pudesse fazer  
Aquele tempo voltar  
E a vida retroceder...

Vida que me ofereceu  
Tanto bem inesquecido,  
Neste Bacalhau querido,  
Onde meu povo viveu.  
Hoje, só resta a saudade,  
Apertando o peito meu  
Tudo se foi... É o silêncio.  
E, por infelicidade,  
Até meu pai já morreu...



---

---

## TEUS OLHOS

*(Para a menina bonita  
Maria Rita Garcia Loureiro)*

Além da janela são teus olhos que luzem  
E aqui dentro do peito um coração que vibra;  
Em torno de tudo, pequena ventura,  
Uma doce esperança,  
Doce e triste, sossegada e mansa...  
Meu presente é teu olhar,  
E o presente é o que importa.  
O passado pode ser uma ilusão já morta,  
Ventura já fruída  
Estrela que passou!  
E os meus sonhos, risonhos,  
Que a vida perturbou,  
Correm atrás de teus sonhos,  
Em busca desse olhar  
Com que minh'alma sonhou.  
Ao sabor de torrentes de esperanças frustradas  
Eu me vou para o abismo, para o além,  
Para o nada!  
Arrebatada pelo amor com que me iludo,  
Esses teus olhos são asas de veludo  
Que me levam a sonhar,

Para longe... bem longe...  
Para onde teu coração sozinho está!  
Além da janela são teus olhos que luzem...  
Eu lhe entendo os segredos  
E contento-me, silenciosa,  
Com essa migalha de felicidade  
Que o destino me dá.

---

---

## TEU SORRISO

Amo-te muito... eu dizia,  
Enquanto em ti percebia  
Um sorriso de descrença.  
Nesse sorriso, entretanto,  
Imaginei todo o encanto  
De tua eterna presença.



---

---

## TUAS MÃOS

Mãos plácidas e morenas,  
Mãos que abençoam, serenas,  
A nossa filha querida;  
Mãos de fiel companheiro,  
Que me servem de roteiro  
Nos espinhais desta vida.



---

---

## UNILATERALIDADE

Não se dissipam meus pressentimentos  
Que vão nascendo de interrogações.  
Com tua ausência, as dúvidas me assaltam,  
Mas a presença traz desilusões.  
Só eu padeço e tu de nada sabes,  
Porque de nada vais querer saber.  
A tua ausência é feita de silêncio  
E a presença me dobra a ansiedade.  
Mas, padecendo, posso ainda sorrir  
E assim, sorrindo, aceito o sofrimento.  
Não saberás que meu amor existe,  
Nem crerias, se um dia eu te dissesse  
Que a vida é má, que o mundo é mau e que  
Mesmo cantando ou rindo, eu sou tão triste...

Tu não verás meus olhos rasos d'água,  
Nem jamais saberá da minha mágoa.



---

---

## VELHA IGREJA

*(Bahia, 1958)*

Velha igreja soturna, centenária...  
Sombras estranhas, formas imprecisas,  
Envoltas em mortalha,  
Cruzam a tua nave.  
Penetro no teu adro, enquanto o pensamento  
Sacode o pó do tempo e busca a tua história,  
Memorável talvez, talvez cheia de glórias,  
Mas que já se perdeu nas névoas do passado.  
Vejo-te, agora, presa às garras do abandono  
E, enquanto o vento passa através das janelas,  
Semelhando-se a órbitas vazias,  
Julgo ouvir maldições ecoando nas arcadas,  
Soluços de almas penadas,  
Vozes que vêm de outras eras,  
Acordando mistérios,  
Entre as cinzas dos séculos dormindo.

Da torre enegrecida uma coruja voa.  
Alvorçadas asas  
De morcegos negros  
Atravessam as naves solitárias.  
Ouço em torno de mim

Rumores sepulcrais.  
Essas portas cerradas  
Fazem o ar cá dentro

Estranhaente frio,  
Imagens já sem cor  
Povoam teus altares,  
Onde invisíveis mãos  
Acendem, misteriosas,  
Os sírios macilentos  
De antigos castiçais.

Em toda parte, um cheiro de bafio;  
Em todo o templo, uma penumbra austera.  
Igreja secular!  
Os anos te consomem,  
A rudeza do tempo  
E o desleixo dos homens.  
Vacila a minha fé,  
Vendo tanto abandono  
Que vem ferir bem fundo os sentimentos meus.  
Não posso compreender  
Que fique ao desamparo  
A morada de D E U S.

---

---

## VENTURA ADIADA

*(Para Admir, meu irmão)*

Descerro da ilusão  
A porta imaginária,  
E envio o meu olhar  
À estrada solitária  
Por onde tu passaste!  
Cresceram tinhorões  
Onde pousaste o olhar;  
Brotaram bogaris  
Marcando o teu andar...  
Mas, nunca mais voltaste!  
E uma dor esquisita  
Penetra-me os sentidos  
E a alma desolada.  
Na estranha sensação  
De já estar definhando,  
Vou atrás de teu vulto,  
Estoica, tropeçando  
Nas saudades do nada...

# MADRUGADA

Silvia NASCIMENTO

Ao estímulo e à insistência de amigos devo a publicação de meu pequeno livro de poesias.

Ainda não tinha quinze anos, quando escrevi os primeiros versos, colecionados em caderno a que dei o título de MADRUGADA, talvez por que eu própria ainda estivesse no alvorecer da vida.

É esse mesmo título que agora, após tantos anos, aproveito, embora o sentido da palavra já não se ajuste à idade de quem persiste no seu emprego.

O que foi publicado é ainda esse antigo álbum de recordações, com a diferença apenas de que não pude conservá-lo tal como surgiu. Novas produções vieram para suas páginas; muitas das primeiras foram sacrificadas. Muitas, mas não todas. Ao longo de meu livro, encontrará o leitor, aqui e ali, esses versos da adolescência e que, se aos outros podem parecer ingênuos ou medíocres, mesmo assim deixei-os que ficassem, pois que marcam passagens de meu passado e me agradam, particularmente.

Pretensões não alimento senão as de trazer modesta contribuição às letras de minha terra. Longe estou de pretender emparelhar-me com outros nomes femininos que surgiram e que vão surgindo, dia a dia, no campo da poesia em Goiás: Leodegária de Jesus, Clara Coralina, Marilda Pallina, Anita Fleury Curado, Rosalita Fleury, Regina Lacerda, Nelly Alves de Almeida, Francisca Filemon Mascarenhas, Maria Guilhermina Viçela Melran Curado, Zulma de Bessa, Maria do Rosário Tollez sem falar dessa geração jovem de que Maria Lúcia Felix de Souza, Iêda Schumaltz e Edir Guerra Malagani se fazem mensageiras, portadoras de um mensagem nova que, lendo "Rosa no Vento", "Caminho do Mim" ou "Tardes do Nada", sinto, por vezes, dificuldades em penetrar-lhe o sentido, talvez por não seguir a mesma escola e trilhar por estrada diferente.

Mas isso não importa. A poesia é sempre Arte e esta, onde quer que se encontre será surpreendida e será sentida e será a fonte de prazer, desde que não se ressinta de valor estético e traga consigo o toque das coisas eternas.

Não sei se consegui, em meu primeiro livro, constituir algo de duradouro.

Uma coisa, porém, é certa: os versos que confio à benevolência do público não surgiram como um fôlego material de palavras, um nasatamento simplesmente, mas forraram do coração, fluíram do mais íntimo de meu ser, mesmo porque esteve no amor minha principal fonte de inspiração.

Amor não apenas por alguém, mas por tudo que nos cerca nos envolve: pelas flores que nos alegram com seu colorido e nos embriagam com seu perfume; pelas aves que esvoacam livremente no espaço e nos estariam com o seu canto; pelo sol que nos aquece e pela chuva que nos embala; pelo céu pontilhado de estrelas e pela terra provocada de maravilhas; amor, enfim, por todas essas dádivas divinas que representam a vida, a fé, a esperança, a felicidade. Amor até pelo sofrimento que nos purifica; pela dor que nos espiritualiza.

Por isso mesmo, não há gritos de revolta, nas estrofas que compus, nem ressumam de meus versos quaisquer laivos de raner. Tampouco focalizei o lado mau da vida ou desabei para a realidade crua que mata as ilusões, implantando a descrença.

Poesias de MADRUGADA um mundo de sonhos, pelos traduzidos em neobias, "forma literária que se dirige mais à sensibilidade do que ao saber; mais ao conhecimento intuitivo que à razão discursiva".

Viver é sonhar. E mais não fiz que sonhar nas Como toda Arte, tem a Poesia o dom de desvendar nos homens a compreensão do mundo no que ele tem de mais sublimado, fazendo-nos voar acima da terra e viver sem egoísmo e sem paixões.

Possa o meu livro transmitir a quem o ler, se não o brilho de uma produção literária, pelo menos um pouco de sonho, de tranquilidades, de paz. Assim o desejo. Da paz de espírito individual, bem poderá nascer aquela outra paz, mais ampla e sempre desejada, porque abrangendo a humanidade inteira.

Versos românticos, versos líricos, os de MADRUGADA apareceram mais como uma linguagem pessoal, falando de mim mesma, de meus anseios, acentuando situações que desejei registradas e que a outros talvez nada significarem, dada a diversidade de gosto, de sentimento e de preferências, sem falar na corrente literária a que se filiar o leitor.

Haverá, de consequência, críticas, opiniões em desfavor do livro que me serão motivo de prazer, se emitidas com sinceridade, ainda mais sabendo existir, em contrapartida, a apreciação favorável dos que me animaram nesta publicação, dos que sempre tiveram para mim, palavras de incentivo, como as de Clarize Pinto Abrahão na apresentação do livro MADRUGADA: palavras merecidas, mas cheias do calor de sua amizade.

Clarize Pinto Abrahão é uma de nossas escritoras que ainda não se deu a conhecer como literata. Sua social tem sido outra, em outro campo. Conhecida por seu trabalho com professora, como funcionária, esconde sua melhor qualidade, a de cultora das letras que manja com brilho.

Eu me sentiria paga de minha apreensões em publicar MADRUGADA, se ao menos um de suas poesias conseguisse sobreviver na estante do tempo e na memória dos homens.

Artigo escrito por

Silvia Nascimento sobre seu livro *Madrugada* publicado no jornal

*O Popular* de 5 de outubro de 1968

Fonte: Cedoc/O Popular.

POSFÁCIO  
A POESIA COMO “O  
LUSCO-FUSCO DA  
AURORA APÓS A NOITE  
ESCURA”: APONTAMENTOS  
SOBRE A POÉTICA DE  
SÍLVIA NASCIMENTO

Sílvia Nascimento (1929-1999), como bem salienta Nelly Alves de Almeida (1985), é uma voz poética importante em Goiás. Atuante em diversas fundações e associações de promoção cultural no Estado, suas obras abrangem as áreas da música, do teatro e da literatura. Tendo recebido inúmeras premiações por sua produção musical, também construiu uma obra significativa no campo literário, dedicando-se às poesias e às crônicas, publicadas em jornais renomados nas décadas de 1970 e 1980. Escreveu três obras poéticas, destas apenas uma foi publicada integralmente. É esta obra, *Madrugada*, publicada em 1968, que será objeto dessa breve análise.

Diferentemente do que se costuma observar nos poetas também originários dessa região, como na obra da incrível Cora Coralina (1889-1985), não há nas obras de Sílvia Nascimento marcas significativas de um localismo. Seus poemas, carregados de grande subjetividade, tendem a uma busca universalista que descola seu eu lírico de qualquer marca de espaço ou tempo. Essa peculiaridade já seria o bastante para a crítica dedicar-se ao estudo de sua obra. Contudo, seus poemas instigam ainda mais.

Originalmente herdeira de tendências romântico-simbolistas, alguns de seus poemas transparecem traços poéticos que a aproximam de grandes poetas como Cruz e Souza (1861-1898) e de Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), revelados na composição de sonetos rigorosamente ritmados, demonstrando um bom domínio da forma, assim como nas inúmeras contraposições entre o mundo material, muitas vezes melancólico e tedioso, e a subjetividade que se avoluma por meio dos sentimentos suscitados pela solidão e pela impossibilidade de realização amorosa.

Em seus mais de 70 poemas, a autora pôde demonstrar seu empenho e cuidado com as palavras. Seguindo uma sequência alfabética, cada poema na obra *Madrugada* demonstra esse cuidado essencial em transfigurar o mundo a partir de um estado de ânimo, cujo centro fundante está no sentimento e na observação do eu lírico. Como ações essencialmente humanas, o mundo se constrói e se reconstrói em cada verso, fundamentando-se no que se observa e se sente.

Grande é a variedade expressiva dessa importante poeta. Parte da obra está composta de sonetos, cuja rigorosidade rítmica e temática fundamenta os poemas: “Adeus”, “Confidência”, “Encantamento” e “Incerteza”. Em seus sonetos, vemos transparecer as contradições causadas pelo amor, que remetem à saudade e à insatisfação, como em “Confidência”:

Desfiando rosários de ternura  
A quem zomba do vate sonhador  
Tu nem percebes minha imensa dor,  
cativo de vazia formosura

Ou à passagem de um tempo que se esvai pelas mãos humanas, como em “Adeus”:



Neste tipo de sexteto, que mantém como no anterior, a rigorosidade da rima, o contraste se faz mais contundente ao opor os três primeiros versos aos três últimos, ou seja, uma oposição que marca um meio-termo, uma fratura no centro da estrofe, evidenciando ainda mais a oposição fundamentada entre o amargo padecer da indiferença e a vivificação do eu lírico ao encontrar um sorriso, permitindo que o discurso poético se construa “mediante um jogo alternado de idas e voltas; séries de re(o)corrências.” (BOSI, 2000, p.32).

Outro aspecto que chama a atenção nestes sextetos é o uso de espaços antes de alguns versos, modificando o tradicional *Enjambement*. Em “Insônia”, estes espaços marcam o terceiro e o último verso, enquanto em “Enlêvo”, marca-se apenas o terceiro verso. Eis mais uma importante marca da modernidade destes textos poéticos, que se reconstróem também por posicionarem no papel de forma diversa, marcando sua intencionalidade poética. Este recurso foi usado por Sílvia em outros poemas, como em “Arrebatamento” e em “Devaneios”, mas teve sua instrumentalização como recurso poético de evidênciação em “A volta”, cujo quarto verso é fraturado ao meio:

Atravessei teu itinerário  
De cigano, sem rumo, sem destino!  
Palmilhei o teu mundo imaginário,  
Colecionei sentimento  
e desatino.

Neste poema, “sentimento” e “desatino” estão ao mesmo tempo opostos e conciliados. A conjunção aditiva os aproxima, mas o verso se quebra e os separa. Essa coleção de

subjetividades se mostra contraditória em si. A disposição do poema transfigura a mesma oposição que seu tema busca evidenciar: um eu lírico em busca do amor em um mundo que, sendo idealizado, perdeu-se no passar do tempo.

E como não poderia faltar a uma grande poeta, estão presentes também os versos livres, porém marcados com grande sonoridade, cuja temática se soma aos sonetos (passagem de um tempo que não volta mais), mas principalmente a insatisfação do eu lírico com um amor não correspondido, mas plenamente sentido, como nos sextetos analisados anteriormente.

Essa oposição entre a grandeza de um sentimento e sua impossibilidade de realização concreta desse sentimento nas relações humanas é mais uma marca da modernidade em Sílvia Nascimento. Em seus versos, transparece a dor de um eu lírico melancólico, cuja alegria e a serenidade desaparecem devido à ausência do ser amado. O fim ou a impossibilidade da realização amorosa impele o transbordamento de sentimentos mais profundos. Impossibilitado de amar, e mesmo apesar do “frio das palavras”, o eu lírico quer mais: “faz-me querer ainda,/ em loucas ânsias,/ Êsse raio de sol que tarda tanto.”.

Assim, nesta obra de Sílvia, vemos ressoar um movimento próprio da poesia, que, segundo Bosi, está no conjunto da poesia brasileira do século XX:

A escrita do poema alcança, a partir desse momento histórico, um grau muito alto de autonomia. E as leis da forma que até o Parnaso, e sobretudo no Parnaso, se pensavam em termos de adequação da linguagem às coisas começam a ser tomadas em si como inerentes aos materiais do poema: os sons, os ritmos, as imagens verbais. *Há uma retração decidida da linguagem para si e em si própria.* A liberdade desloca seu ponto

de aplicação do campo histórico e político para um espaço intratextual cujo referente é alguma entidade metafísica, maiúscula (a Sensação, o Belo, o Ser, o Nada) ou a própria Letra. (BOSI, 2000, p.98)

Em *Madrugada*, essa subjetividade encontra na própria palavra o seu espaço de expressão e na busca incansável pelo interior do ser, que reconstrói o mundo sob o seu olhar e seu sentir. Como bem elucidava Friedrich (1978, p.32), é esse impulso que conduz o eu lírico à própria palavra. Este movimento, que possibilitou as profundas mudanças na poesia moderna, se enuncia na obra de Sílvia Nascimento.

Assim, tendo por pressuposto a relação íntima e contraditória entre significante e significado, nos poemas dispostos em *Madrugada* se busca apreender o mundo por meio dos sentidos – como em “Arrebatamento”, cuja apreensão do outro se dá pelo ouvir a voz, ver o olhar, ou em “Aurora”, cuja natureza se faz pelo olhar do eu lírico que, em percorrer seus caminhos, constrói e reconstrói o mundo natural a partir de seus sentimentos (“Oh! manhãs de primavera!/Manhãs belas! Manhãs claras”).

Contudo, esse olhar, esse captar o mundo por meio dos sentidos, se embate com “o frio das palavras” (como no poema “A volta”), já mencionado, em que os nomes, como resultado desse ato humano de domínio do espaço que o circunda, precisam ser encontrados para abarcar tanto sentimento ali produzido, já que é preciso expressá-lo. O eu lírico de “Borboleta Branca” repete: “Quero falar de ti”. O eu lírico precisa se expressar. O mundo precisa ser expressado. Eis a transfiguração dessa importante dissonância: como expressar no mundo em palavras a imensidão do íntimo?

Tomando para si essa questão que aflige a todos os bons poetas, Sílvia Nascimento não busca em seus poemas uma relação direta com a realidade, mas tenta uma aproximação a essa tensão dissonante, que se realiza em um eu lírico que sente, já que o mundo que é suscitado pelos versos vai muito além do mundo material imediatamente percebido. Os versos embalam o leitor para outro universo no qual as leis que operam dependem quase que exclusivamente do ato poético de ver e sentir, como nos belos versos de “Isolamento”:

[...] Há visões do passado em formas misteriosas  
refletidas no céu, quando a luz vai fugindo,  
Amo as tardes sem sol, de cor indescritível  
Em que me sinto só, tanto quanto possível

Concentrada em mim mesma, estudando minha alma.

Nesse profundo estudo da alma, o eu lírico não pretende olhar o mundo e buscar nele uma precisão objetiva do real, mas pretende, assim como a luz que ao refletir-se produz sombras – “o lusco-fusco da aurora após a noite escura” (“Madrugada”) – apreender o mundo impalpável do sentimento humano, aquilo que é sentido, mas inefável, pois seu estudo leva ao indizível e ao “indescritível”.

Essa concentração em si, portanto, leva o eu lírico a um aprimoramento da intuição que se faz pelo olhar atento ao sentimento, a alcançar um eu profundo que está, não em uma consciência objetiva do mundo, mas constitui o inconsciente; que se prende às camadas do subconsciente. Nos poemas, a essência humana não está na “Sequência dos dias sempre iguais./Sem saltos, distorções [...]” mas na “forma plasmada em matéria indefinida”, cujo ato poético, enquanto

sinestésico, possibilita um novo viver:

E outra melodia de um instante longínquo  
Rondou a sugestão desentoadada  
Das teclas encardidas de meu silêncio.  
O prelúdio soou nota por nota,  
Acordando emoções de há muito adormecidas  
dentro do fantasma emocional que existe em mim.  
Revivi, com estes sons, todo o brilho das estrelas  
Refletindo em mil flores amarelas,  
Sob o painel de um céu sem nuvens;  
e do mais escondido da lembrança  
outra música ressurgiu,  
sem tempo e sem compasso.

Como podemos perceber neste belo trecho de “Prelúdio”, a sinestesia se baseia, fundamentalmente, no som que ao ser ouvido faz ver. É por meio desse som, que penetra nesse eu profundo, que o real brilho das estrelas, a intensidade do amarelo das flores e o azul intenso de um céu sem nuvens podem ser percebidos e acolhidos. Ao ser etérea, ao ser sublime, a canção, quando ouvida, dá vida, permite o reviver, permite o falar, pois retira o eu lírico da “mudez de meus tristes pensamentos”, possibilitando a necessária busca pela expressão. Tal qual a música, o poema também se quer sublime, também deseja alcançar o inefável.

Portanto, é nesta busca pelo inefável que há na humanidade, que se sublima no ato de amar e na sua impossibilidade de realização, que a poesia de Sílvia Nascimento se fundamenta. Sua obra, *Madrugada*, transparece o desejo, próprio da poeta e similar a tantos homens e mulheres, de inte-

gração a um mundo poético, cuja subjetividade em busca de um universal se torna a principal ferramenta e se concretiza na poesia que há na própria vida humana.

**DANIELE DOS SANTOS ROSA**

Professora do Instituto Federal de Brasília

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Análise e conclusões - estudo sobre autores goianos*. Goiânia, 1985.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

NASCIMENTO, Sílvia. *Madrugada*. Goiânia: Editora IFG, 1968.

## INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

### Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

### Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

### Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

### Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

### Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

Goiandira Ortiz

### Digitização da obra original

Isabel Luisa Sampaio

### Revisão

Marcela Ferreira Matos

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

### Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

### Diagramação

Larissa Silva Costa (Editora IFSP)

Nathalia Rafaella M. Camargo (Editora IFSP)

Rubens Lacerda de Sá (Editora IFSP)

Renata Rosa Franco

### Conselho científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lidia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Roverly de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

*Formato* 150 x 210mm

*Tipografia* Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)  
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)

*Papel* Pólen 80g/m<sup>2</sup> (miolo)  
Cartão Supremo 300g/m<sup>2</sup> (capa)

*Tiragem* 500 exemplares



*Amo as tardes sem sol, de côr indescritível,  
Em que me sinto só, tanto quanto possível  
Concentrada em mim mesma, estudando minh'alma.  
As lembranças cruéis de antigo sofrimento  
Vão morrendo com a tarde; e o coração se acalma  
Bendizando, feliz, o doce isolamento.*

## A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artefania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

